

Fugimos num sábado à tarde...

Ao chegar em casa naquela noite, encontrei meus pais e alguns de meus dez irmãos reunidos na sala. Estavam bastante tensos.

— Esta reunião é por sua causa, começou meu pai.

— Que é que eu fiz de errado?

O que me deixou apreensivo não foi o fato da reunião, pois era costume na família encontrar-se freqüentemente todos juntos para conversar ou discutir algum problema. O que me estranhou é ser eu o assunto do dia.

— Eu nunca pensei — continuou papai — que o meu filho fosse namorar uma empregadinha de casa de família...

— Mas esta "empregadinha de casa de família", é a "pessoa" que eu amo, papai!

E continuou uma discussão que acabou ferindo meu amor próprio e aumentando a minha afeição por aquela moça. Minha família via na pobreza dela uma porção de problemas e não reconhecia todas as virtudes que eu havia descoberto naquela jovem.

A situação em casa se tornou insuportável. E na esperança de que o tempo e a distância apagassem meus sentimentos, papai me mandou para uma cidade distante, em casa de parentes.

NÃO HAVIA PASSADO ainda um mês e eu já estava de regresso. Recomeçamos o namoro. E papai voltou a tramar uma outra viagem para mim. Desta vez para mais longe. A coisa estava ficando preta. Uma distância tão grande tornaria mais difícil e talvez impossível continuar aquele relacionamento.

Eu não via outra saída senão forjar uma situação que obrigasse meu pai a aceitar meu relacionamento com Dalva. Lembrei-me, então, de sua promessa de que no dia em que eu "mexesse" com uma moça, fosse branca, fosse preta, ele me faria casar com ela.

Fui ter com Dalva e perguntei-lhe à queima-roupa:

— Você tem coragem de fugir comigo? Eu não vejo outra saída para nossa situação.

— Tudo bem, respondeu-me tranqüilamente. Eu gosto mesmo de você!

ERA PRECISO, no entanto, arrumar ao menos uma casa e um trabalho para a gente morar e poder pagar o aluguel. O primeiro passo era o de conseguir de meu pai a permissão para trabalhar. Ele fazia questão de me sustentar até completar meus estudos. Além disso, eu tinha apenas dezenove anos e não havia acabado a terceira série do ginásio. Só depois de muita discussão, papai admitiu — a contragosto — que eu fosse procurar um emprego.

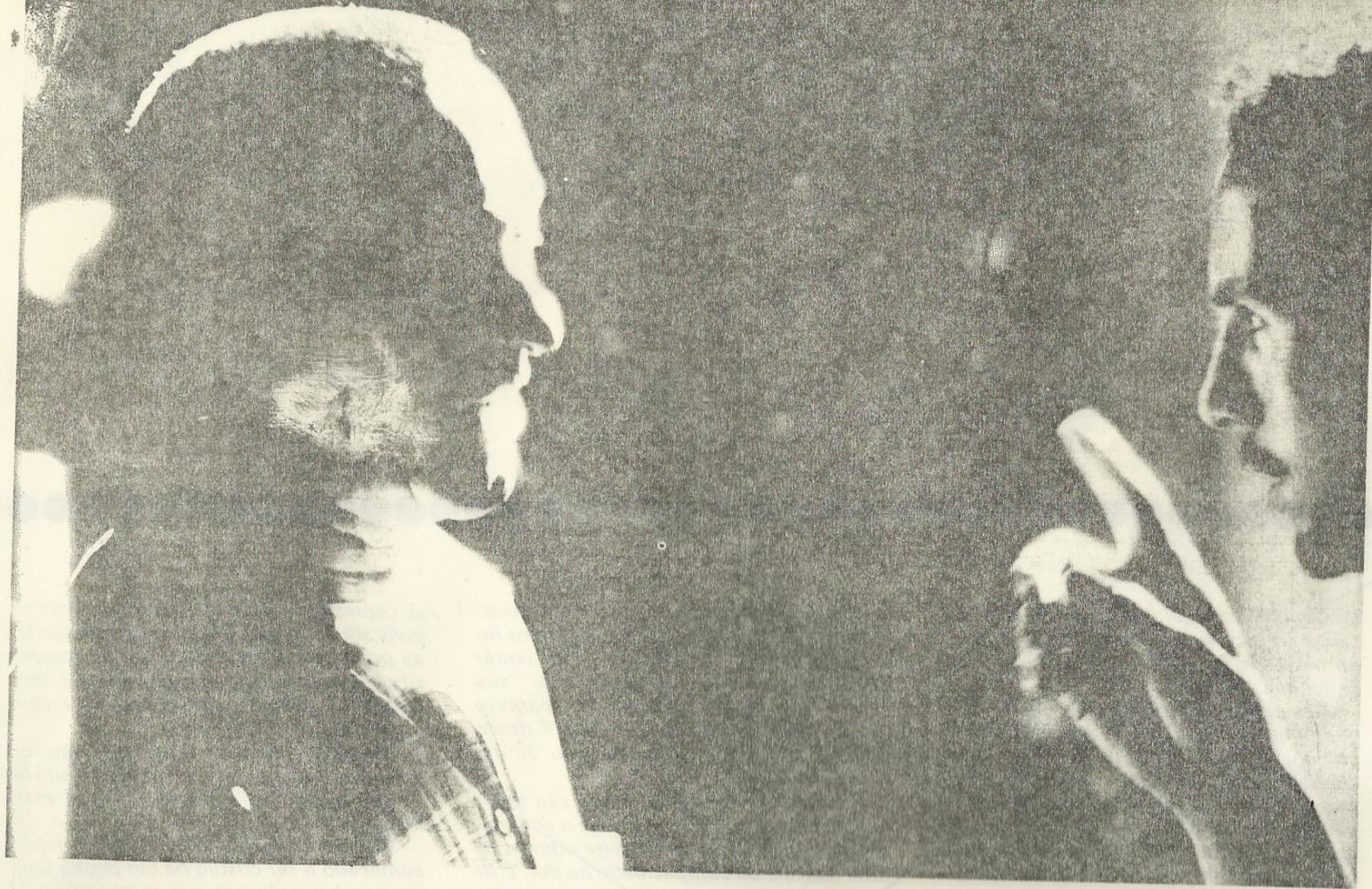
Sem profissão e com o curso ginásial incompleto, o melhor que pude arrumar foi um emprego como trabalhador braçal, ganhando pouco mais que o salário mínimo. Ao receber o primeiro ordenado comecei a procurar casa para alugar. Mas eu não sabia que o valor dos aluguéis de casa era muito maior que o salário mínimo. E meu dinheiro só dava para pagar um quarto de chão batido, pau-a-pique e teto de palha, que encontrei num bairro de prostituição. Aluguei o quarto e fui contar tudo para Dalva.

— Escuta, você quer mesmo fugir comigo?

— Para onde você for eu vou — respondeu-me decidida.

— Mas eu não consegui alugar casa. O meu dinheiro não dá. Aluguei um quarto de barraco.

— Eu já lhe disse: para onde você for eu vou. O resto a gente dá um jeito.



«**Pode ficar com seu dinheiro... Eu não fugi com a moça para me aproveitar. Fugi porque gosto dela e minha família quis impedir o casamento**».

FUGIMOS NUM SÁBADO À TARDE. Na segunda-feira, os familiares de Dalva foram me procurar no trabalho. Houve uma grande confusão quando descobriram onde estávamos.

Meu pai, informado pela mãe da moça, foi até o barraco.

— Você não está arrependida?

— Não — respondeu Dalva.

— E você acha que José Luís recebe o suficiente para vocês viverem?

— Mais do que o suficiente. Se eu vivia com meu salário e ainda sustentava minha mãe, imagine se com o salário dele — que é doze vezes maior — não podemos viver!

— Escute, dê-lhe um recado, por favor. Diga para ele ir falar comigo, lá no escritório.

AO ENTRAR no escritório de papai, fiquei surpreso por encontrar também meu tio rico.

— Escute — ele foi logo me dizendo — você não vai casar agora, não. Você está muito novo. Aqui estão cinco mil cruzeiros e mais uma passagem de avião. Você vai viajar agora. E não se preocupe com a moça. Já tenho quatro advogados constituídos cuidando disso. Advogado não vai precisar casar coisa nenhuma...

Cinco mil cruzeiros, na época, era uma

quantia nada desprezível. O salário mínimo era de oitenta e sete cruzeiros e eu estava ganhando cento e vinte. Mas aquela proposta me soou como uma agressão, pois desconsiderava todas as minhas reais intenções.

— Escuta, meu tio! Pode ficar com seu dinheiro. E se não quiser perder a passagem, cancele-a, porque eu não fugi com esta moça com o intuito de me aproveitar. Fugi porque gosto dela e minha família quis impedir o casamento. E a única saída que encontrei foi esta.

Eu sabia que, com esta atitude, eu estava rompendo definitivamente o relacionamento com meu tio. Mas não me importava. Tinha feito tudo aquilo porque gostava daquela jovem e, para salvar este relacionamento, estava disposto a romper com quem fosse necessário.

Com papai, no entanto, as coisas foram diferentes. Ele me disse:

— Não é porque o cavalo dá um coice, que a gente corta sua pata. Não é porque você fez isso, que deixa de ser meu filho. O que me deixou triste é saber que, poucos dias atrás, você tinha um quarto mobiliado, com televisão, com cama, com tudo, e agora você mora num antro de prostituição. Quero que você venha morar conosco, de qualquer maneira.

Acabei aceitando seu convite, porque realmente vi que meu dinheiro não ia dar para eu e Dalva vivermos. Afinal de contas já tinha conseguido o que pretendia: papai tinha aceito que Dalva e eu vivêssemos juntos.

Mas, na casa de meus pais, Dalva passou a ser tratada como uma empregada de família. Isso não me agradava, e muito

menos a ela. Até que um dia resolvemos sair e ir morar por nossa conta.

A VIDA REALMENTE era dura. Pagando o aluguel e as prestações dos móveis, não sobrava quase nada para a comida. O que nos animava, porém, era a satisfação de nos sentirmos livres.

Um ano após o casamento, nasceu meu primeiro filho. Vinte dias depois fiquei desempregado. A situação — que já não estava boa — ficou terrível. Com o dinheiro que recebi, comprei alguma roupa e fiz as provisões em dobro, para que a gente pudesse viver uns dois meses, até conseguir arranjar outro emprego. Mas, quando a comida acabou, eu ainda não tinha arrumado emprego.

Um dia Dalva chega, chorando, e me diz:

— Dá um jeito nesta situação. Nosso filho está com fome e meu leite não o está sustentando.

Mesmo acabrunhado e sem recursos, não me resignei a pedir ajuda a meu pai. Mas pela primeira vez na vida, senti que tinha um "outro" Pai, diante do qual não me sentia humilhado ao pedir ajuda. Com o peito apertado exclamei:

— Meu Deus, dá um jeito na minha situação!

Neste momento alguém bate à porta, interrompendo meu desespero. Era um concunhado meu. Eu lhe havia vendido uma máquina fotográfica seis meses antes.

— Olha, eu não consigo juntar o dinheiro todo para pagar a máquina. Só tenho quinze cruzeiros. Você quer receber já esta parte, ou quer esperar para receber tudo junto?

Fugimos num sábado à tarde...

— Não, pelo amor de Deus — lhe digo — me dê isso e você não me deve mais nada. Com lágrimas nos olhos, saí correndo comprar leite para meu filho.

ESTA COINCIDÊNCIA me fez refletir: aquela desolação, para a qual eu arrastara também minha mulher e meu filho, era um golpe fatal para meu orgulho, pois fora eu que criara aquela situação difícil (realmente, eu tinha feito muitas coisas erradas, também porque não havia acolhido o que existia de razoável nas críticas de meu pai e irmãos; eu fora precipitado em fugir com Dalva, só para fazer prevalecer minha vontade; eu quebrei o relacionamento com meus familiares, em nome de minha autonomia...). E agora eu não sabia como sair desta situação, com minhas próprias forças. E bem no momento em que reconheci minha impotência, pedindo ajuda a Deus, chegou uma solução para meu impasse. Isto me fez despertar para uma realidade: Deus me ama, apesar de toda a tragédia que eu havia criado na minha vida. Ele estava sempre pronto a me ajudar e só esperava que eu o reconhecesse.

Reanimado por esta descoberta, procurei fazer tudo o que estava a meu alcance para superar aquela situação. Trabalhei como cobrador de ônibus, lavador de carros... Até que fui admitido no serviço militar da Marinha.

EU ENTRAVA no quartel domingo à meia-noite e só saía na sexta-feira, se não estivesse de serviço. E ganhava menos de um salário mínimo. Neste regime fiz um curso de três meses e fui aprovado em segundo lugar. Deste modo, pude escolher a repartição em que gostaria de servir. Escolhi aquela que me dava condições de estudar à noite. Passei a ganhar cerca de três e meio salários mínimos.

A situação melhorou. Comprei alguns móveis, televisão, roupas... Pouco tempo depois fui transferido para outra cidade, assumindo um cargo bem superior. Meu salário passou para doze mil cruzeiros, isto é, vinte vezes o que eu ganhava antes. Arranjamos casa, carro e tínhamos oportunidades de lazer.

Dalva achava tudo maravilhoso. Ela comprava o que queria, e fazia freqüentes viagens para visitar os parentes. Mas, com estas suas viagens, eu ficava sozinho e sentia o peso da solidão. Foi aí que comecei a gostar de outra moça, uma colega de escola. Isto causou muitas brigas entre mim e Dalva. Por fim, me convenci que devíamos voltar para nossa cidade de origem, onde, entre outras coisas, eu poderia prestar o exame vestibular e ingressar na faculdade.

Mas nosso relacionamento já não era o mesmo. Eu estava às vésperas do exame vestibular e queria estudar. Neste dia fomos convidados para uma festa e ela insistia para irmos.

— Mas eu tenho que estudar — respondi. Além do mais eu não danço. O que vou fazer na festa? Se você quiser ir, vá.

E ela foi.

Quando voltou, houve novamente um atrito e resolvemos nos separar. Com isso, tivemos que separar também os filhos — que, a esta altura, já eram quatro. O caçula, que tinha alguns meses de idade, ficou com minha mãe. O segundo e o terceiro ficaram com Dalva. E o mais velho, de seis anos, não quis ficar nem comigo, nem com a mãe, porque achava que ambos estávamos errados. E foi morar com uma irmã minha.

EU TENTAVA SUPERAR meu sofrimento, sufocando o amor que sentia por minha esposa e por meus filhos. Lançava-me nos estudos (tinha entrado na faculdade) e me dedicava com afinco ao novo emprego.

Meu pai me deu uma mão, porque meu novo salário era muito baixo. Resolvi buscar a moça que conhecera antes. Ficamos morando juntos. A situação começou a se tranquilizar, ao menos no trabalho, porque fui recebendo promoções, uma atrás da outra, devido a minha competência na área.

DALVA, PORÉM, não teve a mesma sorte. Ela havia me deixado, sem exigir de mim uma pensão, levando dois filhos para criar. E não tinha profissão alguma. Não encontrou outra saída — ela, uma jovem atraente, que sabia se vestir bem — senão se prostituir. Trabalhou como garçoneite em uma boíte, teve lá seus casos e, com isso, arranjava sustento para os filhos.

Era uma situação incômoda para mim. No entanto, eu procurava me subtrair de qualquer responsabilidade neste caso, dizendo que não era problema meu.

Na faculdade, porém, entre as amizades que fiz, havia Francisco e Luíza que sempre me ouviam com paciência e tinham sempre uma palavra, ou um gesto de conforto para mim. Sentia que eles me compreendiam e faziam de tudo para me ajudar a superar os impasses que eu vivia. Eles me deram também um folheto com o comentário de uma frase do Evangelho. Lendo este folheto, percebi que havia um modo de superar aquele meu angustiante rompimento com Dalva e meus filhos: era preciso, antes de tudo, amá-los como Deus me ama. Eu já tinha experimentado — como naquela ocasião em que eu me encontrava desempregado — que Deus me ama, mesmo que eu tenha cometido muitos erros. Compreendi que eu devia agir em relação a Dalva, da mesma forma que Deus agia comigo. De fato, eu muitas vezes havia rezado no Pai Nosso: «perdoai as nossas ofensas, assim como perdoamos a quem nos tem ofendido...»

SEIS MESES APÓS nossa separação, recebi improvisamente uma notícia sobre Dalva. Ela se encontrava internada em um Hospital, no setor de indigentes, com graves ferimentos. Havia sofrido um acidente de automóvel. O carro, em que havia mais dois rapazes e uma moça, estava em alta velocidade e bateu contra um poste. Com várias fraturas e ferimentos graves, Dalva fora praticamente abandonada por seus “amigos” e precisava de assistência médica adequada. E como legalmente ela era minha dependente (porque nunca nos desquitamos), resolvi utilizar minha documentação para interná-la em uma clínica, pelo INAMPS.

Dalva teve que ficar de cama por oito meses. Mesmo com toda a assistência médica, ela corria o risco de não mais poder andar. O estado em que ela se encontrava me fez refletir. «Final de contas — pensava eu — o principal culpado pela situação em que ela se encontra sou eu mesmo. Eu a abandonei sem recursos, sem profissão, sem estudos... Se fui eu a encaminhá-la para a desgraça, sou eu quem deve dar o primeiro passo para ajudá-la a se recuperar e procurar a nossa reconciliação! Afinal, nunca é tarde para recomeçar!»

Mas eu estava vivendo com outra mulher. E o projeto que tínhamos feito inicialmente era o de buscar meus quatro filhos para viver conosco, tão logo as condições financeiras melhorassem. No entanto, quando estava para ir buscar meus filhos, a moça me diz:

— Escuta, na realidade, não quero criar seus filhos.

— Mas você me havia prometido... E agora que vou juntar meus filhos, você se recusa a colaborar?

— Realmente não estou disposta...

— Então, você vai me desculpar, mas não tem mais sentido eu viver com você!

Comprei uma passagem de avião, arrumei o transporte para os móveis, tomei algumas providências para que ela pudesse recomeçar a vida e a mandei de volta para sua cidade de origem.

Este fato, ainda que tribulado, foi o que me tornou livre para buscar reconciliação com minha esposa.

Ela já tinha saído do hospital e, com grande esforço e ajuda médica, voltou a andar. Fui encontrá-la e conversamos muito sobre nossas experiências e, por fim, decidimos sepultar definitivamente o passado e começar vida nova.

Concentramos todo o esforço para superar nossos ressentimentos, criar novos hábitos, reunir nossos filhos, reconstituir o diálogo com eles. E após algum tempo, sentimo-nos recompensados quando nosso filho mais velho — que até então havia ficado com a tia — chegou em casa com sua mala e me disse:

— Papai, agora venho morar aqui, porque você voltou para minha mãe!

narrado a REINALDO M. FLEURI